

Леонид Добычин



Contos russos modernos (1900-1930)

## **Encontros com Liz e outras histórias**

Leonid Dobýtchin

*Леонид Добычин*

Tradução do russo **Moissei Mountian**

Prefácio e revisão estilística **Aurora Fornoni Bernardini**

Capa e ilustrações **Fernando Vilela**

Coordenação **Daniela Mountian**

KaLiNka



## Prefácio



Esta coletânea de contos do russo Leonid Dobýtchin (1894-1936), agora conhecido no Brasil, situa-se na mesma altura de *A Cidade N*, a novela escrita em 1935, que, após ser finalmente reeditada e traduzida para diferentes idiomas, desde 1990, tornou mundialmente famoso o escritor, cuja obra é hoje considerada, junto com a de Bábel, Zótchenko, Zamiátin, Platónov e Kharms e poucos outros, o que de melhor se produziu nas primeiras décadas da Rússia Soviética.

Se *A Cidade N* (cujo título é uma homenagem à cidade das *Almas Mortas* de Gógol, que junto com Tolstói, Tchékhev, Dickens, Joyce e Maupassant faz parte da plêiade dos mestres-inspiradores do autor) era o relato cândido e ousado, feito por um menino até seus quinze anos, da vida em pequenos centros rurais de uma Rússia pré-revolucionária (da Letônia e do Norte da Rússia, acompanhando o pai, médico, até a sua morte, e depois as mudanças da mãe), *Encontros com Liz e outras histórias* é a

"tomada" de uma nova Rússia, por vezes provinciana, por vezes urbana (aos 17 anos Leonid inscrevera-se no politécnico da futura Leningrado), com o mesmo enfoque (sempre cândido e ousado, mas muitas vezes – agora – fulminantemente irônico e grotesco), dos primeiros anos da Revolução até a década de 1930, em meados da qual o autor – provavelmente suicida – desapareceu sem deixar pegadas (1936). Seu desaparecimento deu-se logo após ter sido acusado de "formalista" (na época, algo como "decadente"), "politicamente míope" e, subliminarmente ou mais, de homossexual, pela então poderosa União dos Escritores Soviéticos.

Falou-se em "tomada", pois, na verdade, os contos são essencialmente recortes do cotidiano vistos como *snapshots* cinematográficos, instantâneos mínimos e vívidos em que o *zoom* é usado para ampliar certos detalhes objetivos ou certos cacoetes dos protagonistas, e aqui, apesar do sopro de poesia que sempre perpassa, acompanhando o olhar das crianças, não se pode deixar de lembrar as personagens-marionetes de Gógol. Veja-se como se apresenta Liz, do conto que dá o nome à coletânea: "Girando o tronco a cada passo, ora para a direita ora para a esquerda, ela balançava como um turbíulo um saco trançado de corda, no qual estava enfiada uma bacia azul com flores amarelas".

Há motivos e temas que recorrem obsessivamente: paradas, cadáveres, enterros, quartéis, monumentos, cavaleiros saltitantes, moças sequiosas de romance, *slogans*, perfumes, pelos e cabelos, nudez e citações literárias. Isso tudo dado numa linguagem sintética, quase sincopada, inovadora (a língua russa presta-se a isso, e a tradução atenta não o perdeu de vista), e envolto numa atmosfera, ora levemente ora causticamente, paródica. Apesar da lucidez e da percuciência com que o autor penetra nos becos



mais tenebrosos da incipiente burocracia política stalinista – os episódios da delação ou “limpeza” que aparecem aludidos em um conto como “Sávkina”, em que Pávluhenka escreve uma carta ao Departamento da Educação Nacional ou *Narobraz* (um dos soturnos acrônimos da era soviética providencialmente explicados nas notas) para denunciar a amizade de uma professora com um padre católico, ou em outros contos, como “Material”:

No jornal apareceu uma nota sobre uma limpeza na repartição pública municipal. Goduliévitch sentou e pegou uma caneta-tinteiro. Ela decidiu apresentar um material contra Smirnóv. Escreveu um bilhete para não se esquecer de nada.

(...)

A limpeza estava movimentada.

– não há *parti pris* nem ressentimento por parte do jovem narrador, tido durante certo tempo como “companheiro de estrada”, que os percorre com total naturalidade, às vezes como protagonista, derivando subversivamente – quando há ou quando não há saída – para os fenômenos da natureza, sempre disponíveis, sempre imutáveis, sempre confiáveis.

Embora comparado a James Joyce de *Os Dublinenses*, por ambos mostrarem a “história moral” e enfatizarem a “paralisia social e espiritual” de seus respectivos países – como diz Richard C. Borden na Introdução à versão americana de *Encontros com Liz* (2005) – Dobýtchin tem um humor mais implícito, menos intelectualizado, mesmo quando comparado ao de seu conterrâneo Nabókov, com quem também foi assemelhado. Pela desenvoltura com que passa do “real” ao grotescamente absurdo pode, sim, ser aproximado a seu contemporâneo Daniil Kharms, cuja obra ainda

aguarda tradução no Brasil e, pelo viço de descoberta infantil que há em seus achados (apesar dos graves percalços de sua vida), à escritora Tatiana Tolstáia, que tão positivamente surpreendeu em *No Degrau de Ouro*, na tradução de Tatiana Belinky, em 1990.

Mas o traço distintivo desses contos, que reúnem duas pequenas coletâneas, *Encontros com Liz* (1927) e *O Retrato* (1931), escritos antes de *A Cidade N*, mas descrevendo circunstâncias posteriores, é o de terem sido elaborados num estilo ao mesmo tempo econômico e híbrido, em que os diferentes planos coexistem, se interpenetrando futuristicamente, justapostos ou deslocados. Dobýtchin consegue reunir paródia e estilização, dois conceitos quase antagônicos explicados por Iuri Tyniánov, crítico, historiador e humorista, seu contemporâneo, com cujo espírito hermético e por vezes sombrio (veja-se *O Tenente Quetange*) Dobýtchin não queria ver comparado o próprio:

Imprecisa como a paisagem de uma almofada  
uma montanha rodeada de igrejas refletia-se  
esverdeada na água.

O sol queimava as costas e as barrigas expostas.

– Os proletários de todos os países – dizia o  
caixa da estação a Kúkin em tom sonhador  
– esperam pela libertação. Dê uma olhada,  
por favor, se está vermelho o bastante entre  
minhas omoplatas.

Churka Gússev, molhado, ofegante, com os  
olhos brilhantes, veio correndo pela margem  
e apanhou as calças:

– Uma moça se afogou!

(“Encontros com Liz”)

Ou então:

Nos degraus da entrada, o senhorio nos deteve com ar misterioso. – Brigaram feio – disse ele. – Lunatchárski bateu em Rýkov.

Nós saímos. Pequenas poças escureciam no portão. Esticando os pescoços, galinhas bebericavam. Cavaleiros passavam correndo e assobiavam. Seus penteados escapavam dos chapéus, e gotinhas reluziam nos seus ombros. Um garoto lambuzava as paredes, grudando cartazes e alisando-os: “o arcebispo Vviédenski está chegando.

Deus existe?”

(“O Retrato”)

Por fim, a questão da homossexualidade. Se em *A Cidade* Nela aparece quase como uma fase ambígua, comum no amadurecimento da individualidade – o escolar que se apaixona pelo companheiro de classe, o colegial pelo colega e, mesmo nos contos, o pioneiro pelo atleta (“O Chá”) –, a tendência vai gradativamente se manifestando num crescendo, em que moças querem sair a sós (“O Chá”), bombeiros dançam com bombeiros (“O Pai”), um jovem se sente constrangido diante das mais leves exposições de feminilidade (“Adeus”), até, de repente, irromper numa apoteose de ternura e grotesco em “Ninón”, um conto aqui incluído no fim, fora das duas coletâneas, escrito em 1923, mas só publicado na revista *Zvezdá* em 1989. Duas velhinhas, a madre Maria Petrónna, vulgo Marie, “pequenina, grisalha, com as de bochechas rosadas e trêmulas, segurando um lenço perfumado embaixo do narizinho” e Varvara Sobákina, vulgo Barb, “ossuda, com barba e bigode grisalhos” relembram, enquanto velam o cadáver

de uma terceira velhinha, os quarenta anos de felicidade que tiveram juntas:

Com suas bocas desdentadas, elas riam baixinho. Com suas mãos feias, marrom-lilás, Barb acariciava ternamente as mãos feias de Marie; com seus olhos opacos e sem cor, ela olhava para os olhos opacos e sem cor de Marie.

Entre 1934 e 36, Dobýtchin escreveu mais dois livros. O primeiro, *Os Selvagens*, publicado em 1989, teria sido inspirado pelos "causos" que lhe foi contando, em Leningrado, um seu vizinho de apartamento, ex-andarilho. O segundo, *O clã do Churka*, publicado em 1993, recebeu em 1994 o prêmio "International Book of the Year" do *Times Literary Supplement*.



Com exceção de "Material", publicado postumamente, apenas em 1988, no jornal *Leningrádskaia pravda*, "Ninón" e "O chá", ambos em 1989 (*Zvezdá*, nº 9), este livro reúne os contos das coletâneas *Encontros com Liz*, de 1927, e *O Retrato*, de 1931. Alguns deles foram também publicados em periódicos da época, entre 1924 e 30.

A tradução, diretamente do russo, foi baseada no livro *Górod N – roman, póvesti, raskazy, pisma* (*Cidade N – romance, novelas, contos, correspondências*), de Leonid Dobýtchin (Moscou, Editora Eksmo, 2007).

As notas de rodapé receberam contribuições de Daniela Mountian e Denise Sales, e como referência básica, temos:

- Dobychin, Leonid. *Encounters with Lise and other stories*. Trad. Richard C. Borden e Natalia Belova. Illinois, Northwestern University Press, 2005. (Aqui citado como *Borden 2005*)
- Bakhtin, V. S.; Belúsov A. F.; Slavínskaia, A. K. (editores). *Dobýtchin: Pólnoe sobránie sotchimiénii i písem* (*Dobýtchin: coleção completa da obra e correspondências*). São Petersburgo: AOZT "Jurnal 'Zvezdá'", 1999, 19. (Aqui citado como *Bakhtin 1999*)

## Contos

- 19 **A Despedida**  
*Прощание*
- 27 **Kozlova**  
*Козлова*
- 39 **Encontros com Liz**  
*Встречи с Луз*
- 49 **Lídia**  
*Лидия*
- 55 **Sávkina**  
*Савкина*
- 63 **Eryguin**  
*Ерыгин*
- 73 **Konopátchikova**  
*Конопатчикова*
- 83 **Dorian Gray**  
*Дориан Грей*
- 91 **A acompanhante de enfermos**  
*Сиделка*
- 97 **O Paramédico**  
*Лекпом*
- 101 **O pai**  
*Отец*
- 105 **O Marinheiro**  
*Матрос*
- 111 **Quiromancia**  
*Хиромантня*
- 115 **Por favor**  
*Пожалуйста*
- 119 **O jardim**  
*Сад*
- 127 **O Retrato**  
*Портрет*
- 143 **Material**  
*Матерьял*
- 149 **O Chá**  
*Чай*
- 155 **Timoféiev**  
*Тимофеев*
- 157 **Kukúeva**  
*Кукуева*
- 161 **Ninón**  
*Нинон*





## A Despedida



O inverno estava terminando. Às seis horas, já estava claro. Ao abrir os olhos, Kunst viu as rachaduras do teto, que formavam uma saia e pés tortos em sapatos com duas orelhinhas. Do outro lado da parede, a acompanhante de enfermos<sup>1</sup> já arrastava seus sapatos sem calcanhares e acordava o ferido. A senhoria bateu à porta e trouxe a chaleira. – Que indecência – disse ela e apontou a parede com a cabeça. Então se calou para tentar ouvir e riu. Kunst enrubesceu.

Ele saiu de casa num sobretudo de estudante levando no bolso um pedacinho de pão embrulhado com *O Século*<sup>2</sup>. A neve es-

1 Solução achada para o termo "sidielka", do verbo "sidiēt" ("ficar sentado"), pois se trata da mulher que fica ao lado da cama de alguém gravemente enfermo, assistindo-o.

2 *O Século* (*Viék*) – jornal liberal ligado ao partido dos cadetes. Circulou com esse nome apenas duas vezes, em 1917. Foi fundado em 1906, como *O Discurso* (*Ričeb*), e fechado em 1917. (Bakhtin 1999)

tava escura. Os brotos, como pequenos chifres, cravavam-se nas pontas dos galhos. Velhas voltavam das filas apertando o pão contra as blusas. Soldados loucos, espalhando-se por todos os cantos dos hospitais, resmungavam a cada passo. Ele topou com a lavadeira Kubárikha; cumprimentaram-se. – A gente decente debandou – queixava-se ela –, já não são os mesmos moradores. – E a outra lá hospedou em sua casa uma dama da noite, uma mariposa das ruas.

Um bonde tilintou. – Passem para a frente – gritava o condutor. O gelo que cobria os rios já havia se tornado cinza. Diante das casas, estava seco. Sabotadores, com jornais nas mãos, gritavam nas esquinas. Depois da ponte Troitski<sup>3</sup>, Kunst saltou e caminhou pela calçada ao longo do rio. Palácios escuros observavam com seus olhos sombrios. Velhos de pedra, em nichos desbotados, estendiam os braços ao darem passos de dança.

Iván Ilitch, minguado, já estava escrevinhando numa grande escrivaninha com pássaros de madrepérola, e Mira Óssipovna já estava sentada ajeitando o cabelo. Envolta numa gola de pele, ela se encolhia e tremia. – Escutem, estou congelando – dizia ela languidamente e se agasalhava.

O chefe Glan, baixote, chegou correndo em seu terno apertado, sentou-se numa poltrona e desdobrou seu jornal, *O Raio*<sup>4</sup>. – “Enfrentar a fome!” – lia ele em voz alta. A moça Malânia ba-

3 Famosa ponte de São Petersburgo.

4 *O Raio* (*Lutch*) – jornal ligado ao Partido Bolchevique. Circulou apenas algumas vezes em 1917 – foi um dos nomes do conhecido periódico fundado por Lênin, *Iskra* (*A Centelha*), depois de banido. (Bakhtin 1999)

lançava suas partes carnudas e servia o chá. Os homens a olhavam com o rabo do olho. O instrutor Baumchtein entrou com o relatório, e o chefe Glan passou a ouvi-lo com ar solene. – Será uma honra – o instrutor Baumchtein fez uma continência e pisou às moças. – Mas como ele é bem-apegoado – admiravam-se elas. – Estou escrevendo uma tese de mestrado – disse então Iván Ilitch, olhando pela janela – e toda noite, por algumas horas, me esqueço desta vida. – Ah, como eu o compreendo – sorriu doce-mente Mira Óssipovna, deixando a cabeça tombar para o lado.

– Já é tempo – finalmente, o chefe Glan levantou-se rápido de seu lugar e dobrou seu *Raio*. Todos se mexeram. Pós-de-arroz e lápis para os lábios apareceram de repente. Iván Ilitch se olhou no verniz da escrivania e, com ar modesto, renovou a risca do penteado. Na saída, estavam os sabotadores com seus jornais. – O vespertiiiiino! – gritavam entoando e batendo os pés. Segurando o *Novo Tempo*<sup>5</sup>, os generais atarracados davam palmas nos quadris e sapateavam. A agulha da fortaleza brilhava. Nuvens de chuva pairavam.

Com *O Século* nas mãos, Kunst livrou-se dos sapatos e deitou-se cuidadosamente na cama para não amassar a calça. A acompanhante de enfermos roncava de leve do outro lado da parede. Frida retornava do escritório e fazia barulho. Batendo à porta, a senhoria trazia a chaleira. – O que deu nos jornais? – perguntou ela e sentou-se. – Frida está sempre cantarolan-

5 *Novo Tempo (Nóvoe Vriénia)* – influente jornal editado pelo jornalista e magnata russo Aleksei Suvórin (1834-1912). Conhecido pela visão conservadora, o periódico foi fechado em 1917.

do, tão poética – eu não era assim. Às vezes, dando risadinhas misteriosas, a senhoria fazia um rosto zombeteiro. – Uma carta – disse ela rindo com malícia e entregando-a a Kunst –, com certeza de alguma feitosa. Kunst pegou o envelope, olhando-o na contraluz, e o abriu. Sua tia escrevia. “Venha para cá”, dizia, “nós comemos bem. E vocês vivem no meio de tantos horrores. Acabo de ler que de tanta fome um professor ficou inchado e uma escritora caiu dura.”

A neve derreteu. Tudo secou. O gelo desapareceu – junto com os caminhos de neve e os rastos dos esquis. Camponesas sentavam-se nas ruas segurando galhinhos de verbena. – Vai haver uma distribuição de alimentos – anunciou Iván Ilitch ajeitando o paletó e esfregando as mãos. – Mel com abelhas – Mira Óssipovna deu um salto e começou a contar, dobrando um dedo. Sua gola de pele se abriu deixando ver um broche com uma “mulher dançante”. – Caviar vermelho e compota de peras em lata! Quase no fim do dia, uma senhorita esquelética de cabeça amarela atravessou o aposento com passinhos rápidos. – Não dispersem – anunciou ela. – Esperem. Vou de caminhão atrás da distribuição. – Leve dois homens armados – gritaram para ela. – Vou levar – disse e, virando-se, lançou um olhar radiante: – E eu também vou armada. – Senhorita Simón – disse Iván Ilitch acompanhando-a com os olhos e dando uma espiadela ao redor. – Acho que o mais correto seria Simeão<sup>6</sup> – supôs ele, pensando melhor. Eles esperaram por muito tempo. Estavam sem eletri-

6 Simeão, o Grande (893 – 927), rei dos búlgaros. Alargou os domínios da Bulgária até o Mar Adriático, com a conquista da Sérvia, transformando-a no reino mais poderoso da Europa Oriental. Depois da morte de Simeão I, a Bulgária entrou em declínio.

cidade. A moça Malánia trouxe o lampião e riu: – Como dar água às vacas. Sombras apareceram. Lá fora os vendedores de jornal gritavam entoando: Ves-per-tiii-no. Kunst, apoiando-se no parapeito da janela, acompanhava-os baixinho. Iván Ilitch juntou-se a ele timidamente:

Lágrimas corriam

Da estação

– cantaram sussurrando, juntos, e sentiram-se constrangidos.

A Páscoa chegou. Não havia nada a fazer. Kunst dormia, olhava-se no espelho, comia o que tinha recebido na distribuição. A senhoria abriu a porta do quarto, enfiou a cabeça lá dentro e perguntou se ele não estava sentindo cheiro de fumaça. – Ah, deixe-me ver o que recebeu – ela examinou tudo com cuidado e apertou as mãos contra o peito. – À Frida deram *vobla*<sup>7</sup>: também é bom. No quarto vizinho, a acompanhante de enfermos estava comendo com os colegas. Batucavam num pandeiro, embriagavam-se, grasnavam. Falavam mal dos feridos: – Basta você sair – diziam eles –, e o doente já remexe no cesto. Eles cheiravam a desinfetante. Frida, poética, soltou os cabelos, abriu a janelinha do corredor e começou a cantar. Parados diante do pequeno jardim, os loucos ouviam encantados. Kunst saiu, e eles o seguiram. Ele cruzou com Kubárikha num vestido de festa. – Venha me visitar – insistiu ela e lhe ofereceu o bolo de Páscoa com uma flor na cobertura e alguns ovos. A dama da noite – a mariposa das ruas – também foi convidada. Com o cabelo lindamente cacheado, ela tossia com recato, limpando a garganta, e

7 Peixe seco e salgado.

dizia polidamente: "Sim, por favor" e "Não, *merci*". – Isso mesmo – aprovava Kubárikha, e ela ruborizava.

Por entre folhas do ano passado, pequenos tufos de grama brotavam da terra. Um passarinho fixou sua moradia no Rio Preto<sup>8</sup> e de noite assobiava. A dama da noite perambulava debaixo das janelas. Desconcertado, Kunst puxou a cortininha. Refugiados de Riga passaram a vir à cidade aos domingos. Sentavam-se na beira da água, sem meias e sem sapatos. A senhoria colocava um lenço rendado e saía para vê-los. – São meus compatriotas – explicava.

Mira Óssipovna tirou a gola de pele. Não sentia mais frio. Havia juntado alguns galhos com folhinhas despontando. A pedido dela, a moça Malânia foi buscar uma caneca, e ela colocou-os na água. O instrutor Baumchtein entrou correndo e inclinou-se para cheirá-los. – Ah – suspirou ele revirando os olhos. – Que manhã especial – disse Iván Ilitch ajeitando o paletó. A madrepérola da sua escrivania brilhava. Pelas janelas, via-se o céu azulando. Kunst o contemplava, e a carta da tia voltou-lhe à cabeça.

A senhorita Simón entreabriu a porta e gritou que estavam dando bonificações. – Será mesmo? – incrédula e desanimada, Mira Óssipovna levantou-se. A moça Malânia apareceu no meio do tumulto. – Vamos lá receber – chamou ela arreganhando os dentes. Todos se precipitaram. – Assinem todos – a guarda-livros, que cortava folhas de dinheiro atrás da mesa, entusiasmou-

8 Pequeno rio nos limites de São Petersburgo.

se. – Que mulherzinha eficiente – comentaram aglomerando-se em volta dela. – Uma lição para os céticos – disse Iván Ilitch e olhou para Mira Óssipovna. A moça Malânia deu umas palmas na mão de alguém. Tudo parecia agradável. Dois dias depois, um homem apareceu e convocou uma reunião: a União não permite bonificações. Ordenaram que elas fossem descontadas, e todos voltaram desacomodados aos seus lugares. – Por essa eu não esperava – disse Mira Óssipovna, sombria. Tirou o galho com as folhinhas da caneca e o quebrou. – Vocês já leram Max Stirner<sup>9</sup>? – perguntou Iván Ilitch perambulando entre as mesas, curvado e cabisbaixo. Kunst, com as mãos na cabeça, estava pensativo.

“Estou chegando”, escreveu à tia e comprou o bilhete. A senhoria lhe trouxe a chaleira da noite pela última vez. – Eu também partiria – ela se sentou e esfregou a manga nos olhos. – Província de Curlândia<sup>10</sup> – disse a senhoria, solene, meneando a cabeça –, nunca vou esquecê-la. Kunst saiu para o patamar da entrada<sup>11</sup>. Uma lua sem brilho, vermelha e pesada, como uma meia-lua de marmelada, arrastava-se furtivamente pelos quintais. A acompanhante de enfermos, envolta num lenço grande, imóvel, estava sentada na escada. Kunst sentou-se no degrau de

9 Pseudônimo de Johann Kasper Schmidt (1806-1856). Filósofo alemão, cujos escritos influenciaram inúmeros anarquistas do séc XIX e XX. Foi aluno de Hegel e autor de *O Único e a sua propriedade* (1844), em que defende a ideia de que tudo deveria servir aos fins individuais e de que todas as ideologias, assim como as instituições públicas, são baseadas em noções vazias e autoritárias.

10 Território pertencente à Rússia desde 1795. Hoje parte da Letônia, onde Dobýtchin nasceu.

11 Trata-se do “*kryltsó*”, sem equivalente exato em português, que se refere a um lance de escada na entrada das casas com um patamar, com ou sem cobertura.